

Fluminense montado no cometa

Escrevo essa mensagem antes do 1º jogo do Flu na sua disputa maior em direção ao topo do mundo. Prefiro escrever antes, sem saber. Como diziam minha mãe e minha sogra: *o que os olhos não veem, o coração não sente*. Entre esperar o resultado e parabenizar OU consolar meus camaradas tricolores, prefiro torcer desde já para que o Flu monte no cometa e chegue lá.

Devo ao Fluminense minha paixão botafoguense pelo futebol.

Eu tinha meus 8 anos, quando Pedro, meu pai, me agarrou pela mão e me enfiou no meio de 99.465 pessoas no Maraca. Foi a 1ª vez que vi com meus próprios olhos:

Adalberto, Beto, Thomé, Servílio, Pampolini e Nilton Santos; Garrincha, Didi, Paulinho Valentim, Édison e Quarentinha. E o técnico João Saldanha.

Por estar lá, também vi outro timaço: *Castilho, Cacá, Pinheiro, Clóvis, Jair Santana e Altair; Telê, Jair Francisco, Waldo, Róbson e Escurinho. O técnico: Sylvio Pirillo.*

Os 6X2 do campeão carioca de 1957 não desmereceram o Flu, mesmo com os 5 gols do Paulinho Valentim, dos quais só me lembro bem daquele de bicicleta quase do meio de campo sobre aquele que era considerado o melhor goleiro do Brasil à época (Castilho).

Eu só conhecia bicicleta de outro tipo. Devo ter levado um susto de feliz.

P'ra mim foi um dia de estreias, pois Garrincha fez também seu golzinho.

O que estranhei, mas só anos depois, é que Quarentinha não fez gol nesse dia.

Logo ele que tinha a maior bomba do futebol brasileiro nos pés.

Alegria pelo Bota (pelo campeonato), alegria pelo Flu (por me propiciar alegria).

Até hoje carrego meu orgulho de criança por ter sido a maior goleada em finais do campeonato carioca.

Anos depois a vingança do Flu. Final do carioca de 1971. Eu já estava terminando a faculdade, ouvi pelo radinho. Com Zero a Zero, o Bota seria campeão. No último lance do jogo, Marco Antonio, do Flu, no confessionário tempos depois, disse que fez falta no Ubirajara, goleiro do Bota.

A coincidência?

O presidente da Comissão de arbitragem era dirigente do Flu.

Mas roubos acontecem sempre, exceto quando as vitórias são incontestáveis, como a dos 6X2.

Mas não é por essas coisinhas que torcerei pelo Flu.

É por causa dos meus camaradas tricolores.

Cezar Miranda, querido amigo e companheiro de inúmeras noitadas hospitalares.

Amaury Paciello, espécie de cunhado sempre a postos.

Alexandre de La Peña, velho amigo guia de acordes.

Amadeu Alvarenga, querido amigo condenado a perseverar.

Marcos Besserman, querido companheiro na estrada dos direitos humanos.

Armando Nembri, meu mais novo amigo de infância.

E assim, pela primeira vez, depois de 65 anos, espero que o Fluminense me faça feliz mais uma vez, agora como sincero tricolor, mesmo como torcedor temporário.

Fadel, 16/12/2023.